

APRESENTAÇÃO

O glossário ALÉM DOS SENTIDOS: GLOSSÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS DA ÁREA MUSICAL EM LIBRAS é fruto da alma apaixonada por música e do espírito inovador de Claudio Alves Benassi. Unir música à Língua de Sinais Brasileira (Libras) é algo ainda rodeado por preconceitos, como se a música fosse um conhecimento e um prazer vetado aos surdos. A trajetória de Cláudio mostra que os surdos podem sim ter acesso e se emocionar com a música, que esta é parte importante na vida de alguns deles e que poderá alcançar muitos outros se lhes for dada a oportunidade de percebê-la e vivenciá-la.

O vocabulário de cada língua é suficiente para que os membros da comunidade que a utilizam falem sobre o que é relevante para eles, porém, cada vez que o universo de dada comunidade linguística se amplia, também sua língua se amplia. Assim, quando se descobre a necessidade de se referir a algo ainda não nomeado, os falantes da língua criam soluções para a nova situação, que podem ser: criar novas palavras, ressignificar algumas já existentes, ou recombina-las. Assim, o vocabulário de qualquer língua está em constante construção.

Devido à experiência de Cláudio de levar a música aos surdos, ou seja, de inserir os surdos em um novo campo de cultura e conhecimento, percebeu-se a necessidade de vocabulário específico dessa área. O ALÉM DOS SENTIDOS: GLOSSÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS DA ÁREA MUSICAL EM LIBRAS é o resultado do trabalho junto à comunidade surda de Cuiabá, para a ampliação do vocabulário da Libras voltado para a música.

O ALÉM DOS SENTIDOS: GLOSSÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS DA ÁREA MUSICAL EM LIBRAS é composto por 96 novos sinais da Libras. Vale ressaltar que, além de o glossário adentrar área pouco explorada - de apresentação da música para os surdos - Cláudio ousa ainda mais ao apresentar o novo vocabulário em Libras tanto em sua modalidade sinalizada, por meio de fotos, quanto em sua modalidade escrita, com o sistema ELiS (sistema brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais). Após tornar-se proficiente em ELiS, Cláudio iniciou um trabalho de amplo uso desse sistema

em suas atividades diárias como professor e usuário de Libras e não poderia ser diferente com a criação desse importante glossário.

A representação de sinais da Libras por meio de fotos é um recurso já consagrado na apresentação de dados de línguas de sinais, mas mesmo nesse recurso, Cláudio deixa transparecer seu potencial de inovação e representa os movimentos não por setas, como se faz usualmente, mas por meio dos visogramas da ELiS que os representam.

Enfim, o leitor do **ALÉM DOS SENTIDOS: GLOSSÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS DA MÚSICA EM LIBRAS** vivenciará a experiência de descortinar um novo mundo dentro da Libras, repleto de música e escrita, cultura e novos conhecimentos.

Por Mariângela Estelita de BARROS



PALAVRAS DOS AUTORES

Glossário da esfera musical em Libras? Isto é uma provocação ou real? Sim, diríamos que seja uma provocação à reflexão social, um afronto ao preconceito e discriminação com relação ao cesso do sujeito surdo ao campo musical. E também, real, logo, materializado em um Glossário na esfera musical norteado pela acessibilidade e inclusão de fato: música e sujeito. Surdo ou ouvinte, apenas detalhe físico.

O estudioso Claudio Alves Benassi, doravante Cao, é pioneiro no estado de Mato Grosso em pesquisar na área de música o acesso do estudante surdo aos caminhos que levam a compreensão significativa das formas, estruturas e características dos instrumentos musicais.

Inúmeras horas de interações com acadêmicos surdos e ouvintes resultaram neste glossário que pela amplitude e importância social já faz

parte dos recursos didáticos metodológicos no Curso de Graduação e Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso.

Acompanhei todo o processo na criação do projeto, discussões a respeito dos sinais constituídos pelo grupo de acadêmicos surdos e, com orientações de conceitos por estudantes ouvintes.

Tenho a certeza, como pesquisador, que este glossário ultrapassará os muros físicos da UFMT e tão logo, será utilizado como referência aos pesquisadores e docentes, sejam surdos ou ouvintes. Pois, este glossário é resultado de muita pesquisa consolidada pela interação e desejo de uma verdadeira inclusão social, e vai muito além de um material didático, logo este glossário servirá de norte, e que é possível de forma real a inclusão educacional.

Achar que a música é meramente “sons”, é desconhecer o potencial poético e significativo dos instrumentos. A vibração, a anatomia e a percepção frente ao instrumento é estar em sintonia com a vida.

Portanto, a cada debate e a cada sinal constituído, tem a marca do desejo ao acesso e inclusão ao meio em que o sujeito está inserido. Parabéns Cao!

Por Anderson Simão DUARTE

Música para surdos? A primeira vista parece paradoxal, pensar que alguém possa conjecturar que um indivíduo desprovido do sentido da audição possa apropriar-se de música e fruí-la como objeto estético.

Responder à pergunta, não é uma tarefa fácil. Dentre todos os meus fluxos de identificação, não consigo selecionar um para escrever estas linhas. Pois bem, aqui fala a voz do pesquisador, do músico, do professor, do familiar, do religioso, do numerólogo, mas, principalmente, do ser humano Claudio ou Cao (em arte).

Minha atenção se voltou à temática música e surdez, a partir do momento que descubro estar ouvindo menos e a tendência, seria a evolução

para a surdez. No primeiro momento, veio o desespero, mas nesta selva inóspita, sobrevive aquele que se adapta. Logo após as lágrimas, veio o desejo de saber como se relaciona a música com a surdez.

Algum tempo depois, durante o Curso de Especialização em Língua brasileira de sinais – Libras, surge então o Projeto: Além dos Sentidos, idealizado por mim, coordenado pelo Professor Anderson Simão Duarte, que culminou numa longa busca por sinais da área musical.

A princípio, limitamos a pesquisa a debruçar sobre a literatura (escassa) que versa a respeito do tema. Entendemos em alguns casos, que é possível o surdo apropriar-se do objeto estético musical e o fruir. Dos casos mais relevantes, citaremos aqui Hellen Keller, surdacega que, ao virarmos as páginas de sua vida, encontramos os relatos de suas apreciações musicais.

Também nos surpreendeu o relato de experiência da musicista Evelyn Glennie que perdeu a audição, porém alçou voos na música que a levou a mudar a forma de ensino de música em no Reino Unido e dentre seus 17 discos gravados, três fossem premiados com o Prêmio Grammy de música.

Em nossa busca, logramos algum êxito, no entanto, os sinais reunidos não eram em número suficientes para aprender música pelo surdo, logo, foi necessário constituir uma equipe composta por alguns surdos, com os quais interagimos explicando cada conceito, cada termo da área musical, sua aplicação, sua função, suas derivações e assim, após o entendimento, o novo sinal era então criado e registrado.

Com este glossário, encerramos este ciclo. Estávamos até então na casa nônada, ou seja, permeávamos o número nove. Segundo Pitágoras é a casa ou número dos iniciados, aqueles que já percorreram um logo caminho, e estão prestes a encerrar o ciclo, chegando então a casa décima. Estamos então, na casa decimal.

Nosso ciclo se fechou e se abrirá para outras possibilidades, ou seja, esta pesquisa que resultou neste livro, não se acaba aqui, pelo contrário, temos a certeza de que ela está apenas começando, pois existem muitos outros termos e conceitos dessa nossa área – música – tão complexa e profunda que ainda não foi lexicada na Libras.

Estamos certos de que, o professor bem como o intérprete de Libras na sala de aula de música, não mais poderão rechaçar o aluno surdo sob o pretexto de que *é surdo e a aula é de música, vou interpretar o que? Ou, a música faz parte da cultura ouvinte, você é surdo, não vai conseguir entender!*

Já sabemos que o surdo pode sim apropriar-se da música como objeto estético e o fruir, não só isso, como também a exemplo de tantos surdos que foram além da formatação social que lhes é imposta, da serialização subjetiva capitalística que lhes fazem iguais, constituindo-se singularmente, tornaram-se músicos, fazendo o que ao senso comum, seria a negação do próprio *eu*.

Sabemos também, que tais imperativos são constituídos socialmente por falta de informação ou por negação e distanciamento dela. Não mais é admissível que o profissional se levante como porta-voz da ignorância e subestime a capacidade cognitiva do surdo frente à música, uma vez que, mesmo incipientes, as pesquisas provam os benefícios da música na constituição cognitiva do indivíduo, bem como, aqueles que por algum motivo, não ouve com seu ouvido externo e interno, mas “ouve” com o corpo.

Como diz Evelyn Glennie em seu célebre relato de experiência: “é preciso ouvir realmente”, pois, aquele que ouve somente com seus ouvidos, não é de fato ouvinte. É necessário ouvir com todo o corpo, logo, existe mesmo ouvinte ou surdo?

Ser musical não é privilégio de seres especiais, é uma possibilidade do ser humano. Pensar o surdo como musical pressupõe a revisão de concepções já estabelecidas. A discussão, o debate, o compartilhar são meios para ativar novas representações” (HAGUIARA-CERVellini, 2003, contracapa).

Por Claudio Alves BENASSI